

## 2

### Como compreender paisagem em Heidegger?

A paisagem, ao longo dos séculos, recebeu diferentes significações. Para Christian Norberg Schulz, no âmbito da fenomenologia, uma paisagem é um destes fenômenos que abrangem neles mesmos vários outros. Tal como uma floresta abrange o fenômeno árvore e a cidade abrange os fenômenos casas, pessoas, edifícios, etc., uma paisagem configura um ambiente para que outros fenômenos ocorram. Ela a tudo envolve e contém. Contudo, ela mesma não pode ser contida.

A paisagem é um desses fenômenos que não podem ser subdivididos quantitativamente em partes. Como outros conceitos reunidores, esta não se dá pelo resultado da soma dos fenômenos que a compõem particularmente, ou da soma de seus aspectos. Assim como, por exemplo, uma biblioteca. Não se perde a ideia de biblioteca pela perda de um ou mais livros. Em contrapartida, por ser totalizante, a paisagem também não pode ser classificada qualitativamente em conceitos, sem se perder de vista seu caráter concreto.

Mais comumente atribui-se à paisagem a ideia de algo natural ou selvagem. A título de ponto de partida, entenda-se que a constituição de uma paisagem ocorre naturalmente, devido às contínuas forças da natureza em determinado lugar e tempo. Pode, ainda, sofrer alterações devidas às interferências humanas no meio natural. Com isso, existem dois tipos de paisagem: a existente, “natural”<sup>1</sup>, e também a paisagem humana, construída. Dessa forma, também cidades constituem paisagens, no caso, urbanas. O agricultor, por exemplo, colabora na construção de sua paisagem quando cultiva determinado pedaço de terra. Da mesma maneira, o homem urbano configura paisagens, na medida em que edifica o ambiente de sua morada.

---

<sup>1</sup>A paisagem natural, tradicionalmente é considerada como fruto de um olhar sobre o território “virgem”, o qual não sofreu interferências humanas. Contudo, o olhar humano não é ingênuo, pelo contrário: é cheio de significados e objetivos e é, em si, uma ação intelectual que configura uma tradução do território.

## 2.1

### A paisagem esquecida na circunvisão da ação

Para Heidegger, no contexto de *Ser e Tempo* (1927), embora sempre existam paisagens a envolver-nos, dificilmente as encontramos no cotidiano. Isso se deve justamente pelo modo como nós somos essencialmente. Heidegger defende que nós existimos, compreendemos e agimos em acordo a uma cadeia velada de possibilidades que constitui um horizonte de sentido para um determinado povo em uma época e lugar definidos – um mundo. Somos e agimos “em” um mundo, e não dentro de um mundo, denotando o modo como somos acostumados, habituados e familiarizados a lidar com as coisas.

Assim, lidamos e compreendemos a paisagem dentro de um quadro referencial, mesmo que o processo de aparecimento deste horizonte de sentido não se mostre aparente aos nossos olhos. Este não “enxergar” o mundo é da própria existência humana; estamos sempre ocupados ou preocupados com algo, em um modo utilitário que tem em vista, na maior parte das vezes, uma finalidade qualquer. Deste modo, na existência cotidiana, a paisagem, em si, permanece oculta, como que “velada” por uma percepção puramente pragmática.

Mesmo aquilo que não foi produzido pelas mãos dos homens, para Heidegger, é compreendido dentro do âmbito mundano, primeiramente, a partir de um quadro de referências utilitárias. Nos deparamos com as coisas em geral, e mesmo a paisagem, em sua serventia, aplicabilidade, contribuição, como uma fonte para realização de algo dentro de uma totalidade instrumental. Assim, quando nos encontramos com a paisagem ela é visualizada por nós sob um ponto de vista tematicamente pré-estabelecido por um conhecimento prévio.

Segundo Heidegger, o modo mais imediato de lidar com as coisas, não é através de um conhecimento teórico, mas sim a partir desse modo de ocupação, no qual as coisas mesmas são esquecidas enquanto são manuseadas. Tal esquecimento seria o resultado da habitualidade, que não somente nos faz continuamente esquecer a essência das coisas, como de sua própria origem.

Para ilustrar seus pensamentos sobre o modo pragmático e objetivo no qual primordialmente agimos, Heidegger utiliza diversos exemplos. Em *Ser e Tempo*, um dos casos mais notáveis é o de um utensílio, o martelo, um objeto

comum, de uso corriqueiro que somente existe em razão de sua função: martelar, unir, separar, reparar, quebrar. Quando se martela, não se tem o ato de martelar em foco, mas sim a razão pela qual se martela: aquilo que nos levou à necessidade de martelar como construir uma casa, um banco, ou colocar um quadro na parede.

De igual maneira, o sentido de uma paisagem está vinculado com a rede de significados e referências na qual ela opera. Paisagem reúne o céu, as montanhas, os seixos do rio, os reflexos na água que corre, o desenho das nuvens, a brisa outonal, as festas em comemoração à chegada da primavera, os campos verdes no verão, a casa e o caminho que nos leva a esta. Heidegger esclarece que as coisas ganham significado e tomam consistência naquilo que reúnem. Diz: “a coisa reúne o mundo”<sup>2</sup>.

Uma paisagem, assim como o martelo, pode ser encontrada em vista de uma finalidade. Ela pode ser de utilidade turística, agrícola, especulativa, cultural, entre outras. Tenhamos em mente a paisagem de uma cordilheira de montanhas, debaixo de um grande céu<sup>3</sup>: um meteorologista, por exemplo, pode analisar esta paisagem em função de diagnosticar e redigir relatórios meteorológicos. Um especulador imobiliário a analisa como algo que pode agregar valor ao seu empreendimento. O viajante a contempla compenetrado a fim de gozar de suas qualidades visuais. O agricultor, que sob sua presença trabalha, a encontra no contexto da lavoura, inserida no quadro referencial de suas atividades habituais. Assim, “cego” pela força do hábito, o agricultor esquece a paisagem natal.

Cotidianamente, lidamos com a paisagem em diferentes modos de ocupação e, em virtude desta, ela mesma é esquecida. Embora a ocupação cause um esquecimento, isto não significa que sejamos cegos às coisas, mas sim que existe um modo determinado de ver que configura a visão “prática”, a qual Heidegger denomina “circunvisão”. A circunvisão, nas palavras de Heidegger, “possui seu modo próprio de ver que dirige o manuseio e lhe confere uma segurança específica.”<sup>4</sup> A circunvisão é subordinada à rede de referências e

<sup>2</sup> SCHULZ, C. N. *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*, p. 5.

<sup>3</sup> Este exemplo é citado por Heidegger em *Introdução à Metafísica* (1935). Heidegger pergunta a quem se mostra o ser de uma cordilheira de montanhas, ao longe, debaixo de um grande céu. Cita o meteorologista, o viajante e o camponês. Neste contexto, para dilatar o argumento heideggeriano, penso tal indagação sob um olhar paisagístico.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*, p. 117. Doravante referido como ST.

significados que circunscrevem determinada atividade ou obra. É, por assim dizer, o ponto de vista sob o qual algo é visto, em sentido ontológico.

Na circunvisão do minerador, uma paisagem montanhosa, ou de um explorador de minérios, é pré-tematicamente visualizada como pedreira e jazida, assim como todos os elementos que a compõe<sup>5</sup>. Mesmo as pedras, a água, a terra, as plantas e os animais são encontrados inicialmente como “algo” em virtude de um “para que”, uma finalidade, tal qual um objeto utilitário, no contexto referencial da extração mineral. As coisas, na circunvisão, ganham significado “a partir” do modo como se relacionam e de sua pertinência em determinada configuração instrumental. Assim, os elementos de uma paisagem não se manifestam individualmente para depois, a partir de sua soma, comporem um totalidade, mas o contrário.

Segundo Heidegger:

[...] Estas relações referenciais são tais que, nelas, uma multiplicidade de coisas do mundo ambiente se mostra; por exemplo, uma praça pública com seus arredores, um quarto com seu mobiliário. A multiplicidade de coisas aqui encontrada não é uma multiplicidade arbitrária de coisas incidentais; ela é primeira e unicamente presente em um determinado *contexto referencial*. Este contexto referencial é uma *totalidade fechada*. Esta é que se mostra a partir de si uma peça individual do mobiliário. O quarto vem ao encontro não no sentido de que eu primeiro apreenda uma coisa após a outra e reúna esta multiplicidade das coisas para então ver um quarto. Ao contrário, eu primeiro vejo uma totalidade referencial enquanto fechada, a partir dela a peça individual de mobiliário é o que é aí no quarto.<sup>6</sup>

Mesmo que seja em um modo não-objetivo, há uma totalidade referencial que circunscreve e configura uma situação para que os diversos “elementos singulares” se manifestem a partir de sua co-pertinência. Notamos que Heidegger utiliza um exemplo, a praça e seus arredores, que pode ser expandido a uma compreensão paisagística. Primeiro, é a unidade da praça, em sua totalidade referencial fechada, que assoma como instrumento de habitação, para depois serem apreendidos tematicamente seus elementos individuais como a igreja, o céu ou os pombos.

<sup>5</sup> Heidegger comenta a mineração como uma ocupação em *A questão da Técnica* (1956).

<sup>6</sup> HEIDEGGER, M. apud SARAMAGO, L. *A topologia do Ser*, p. 49.

A paisagem reúne e circunda diversos elementos, entre eles fenômenos naturais e outros antrópicos, que se apresentam sob a perspectiva da totalidade referencial de uma ocupação. Assim, tanto a paisagem, como os fenômenos da “natureza” são encontrados na circunvisão, não como coisas simplesmente dadas, mas inseridas em determinada *conjuntura* instrumental. Em *Ser e Tempo*, referindo-se à natureza Heidegger diz que:

Natureza aqui, porém, não deve ser compreendida como algo simplesmente dado e tampouco como poder da natureza. A mata é reserva florestal, a montanha é pedreira, o rio é represa, o vento é vento “nas velas”.<sup>7</sup>

Cada qual, a mata, a montanha, o rio, ou mesmo o vento, são compreendidos em via de suas possibilidades de uso e produção. E são compreendidos dentro de uma cadeia de intenções, na qual servem para a realização de algo. Embora cronologicamente longe de *Ser e Tempo*, em *A questão da Técnica* (1956), Heidegger retorna ao esclarecimento sobre o modo como lidamos com as coisas dentro de uma totalidade instrumental. O exemplo utilizado por ele nessa ocasião vem a dilatar o exemplo “o rio é represa”, citado acima. Com isso, faremos um pequeno recorte.

Referindo-se ao rio Reno, Heidegger comenta sobre como a instalação de uma usina hidroelétrica dispõe do rio como fonte inesgotável de energia elétrica. Diz:

A usina hidroelétrica posta no Reno dispõe o rio a fornecer pressão hidráulica, que dispõe as turbinas a girar, cujo giro impulsiona um conjunto de máquinas, cujos mecanismos produzem corrente elétrica. As centrais de transmissão e sua rede dispõem a fornecer corrente. Nesta sucessão integrada de disposições de energia elétrica, o próprio rio Reno aparece, como um dispositivo.<sup>8</sup>

Heidegger indica que o rio, a despeito de si mesmo, deixa de ser o rio de uma paisagem. Neste modo de ocupação, o rio é encontrado em função da usina e sentencia: “o Reno o é pela essência da usina.”<sup>9</sup> O mesmo pode ser dito da própria paisagem fluvial circundante ao Reno, modificada em função da criação da

<sup>7</sup> ST, p. 119.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*, p. 20. Doravante referido como EC.

<sup>9</sup> EC, p. 20.

represa que alimenta a usina, pela construção da própria usina e do vilarejo e estradas construídas para atender seus trabalhadores. Assim, o que primeiro vem ao encontro nesta paisagem não é a percepção de sua aparência ou sua delimitação territorial, ou mesmo sua composição, mas sim a paisagem dentro de um quadro referencial tematicamente pré-estabelecido como instrumento de fornecimento de energia elétrica. Ela é pré-tematicamente visualizada no contexto da Usina e, por meio da Usina, ganha significado.

Para cada coisa há uma multiplicidade de modos de ocupação e com isso também há muitos caminhos e graus diferentes de encontro e significação. Cada paisagem, deste modo, pode ser descoberta mediante diferentes perspectivas. Heidegger ainda indica outra possibilidade de encontro ao Reno: a via turística. Esta via é um dos caminhos mais comuns de encontro à paisagem. Paisagens são corriqueiramente vendidas e anunciadas em folhetos e promoções de agências de turismo, em função de uma indústria de férias. Muitos turistas viajam para as mais diferentes localidades para “consumirem” paisagens sob esta “perspectiva”.

A lida instrumental da ocupação é, segundo Heidegger, a maneira mais hodierna de encontro às coisas. Há ainda um segundo modo, que, em comparação ao primeiro, seria uma lida indireta. O primeiro é o mundo privado, dito da “oficina”, no qual atuamos diretamente com as coisas em seu uso. O segundo é o mundo público, apontado por Heidegger como o modo impessoal. Neste lidamos com aquelas coisas que não podem, ou não se apresentam disponíveis ao uso diretamente, dentre elas o espaço público e a natureza, em um sentido ambiental. Neste sentido, penso que também pode se considerar essa perspectiva em um sentido paisagístico. Heidegger diz:

A obra no horizonte de sua ocupação não é manuseada somente no mundo doméstico da oficina, mas também no mundo público. Com ele descobre-se a natureza do mundo circundante, acessível a qualquer um.<sup>10</sup>

Ou seja, enquanto nos ocupamos produtiva e diretamente com algo, não o fazemos unicamente no contexto utilitário direto e privado que circunscreve determinado utensílio, mas também de um modo ainda mais amplo. No mundo

---

<sup>10</sup> ST, p. 119.

público, tanto a paisagem urbana, quanto a paisagem natural, são não-objetivamente encontradas como pré-existências, ou seja, como presenças constantes e atemporais.

O mundo público aparece de uma forma muito mais arraigadamente familiar e originária do aquela na qual são encontrados os próprios utensílios. Isso porque, o conhecimento do mundo público sempre se deu previamente a qualquer tematização utilitária, não se limitando a cada mundo instrumental das ocupações. Nestes, a natureza do mundo circundante e o mundo público, em sentido ambiental e paisagístico, já estão sempre descobertas. A descoberta de uma paisagem circundante prévia à ocupação pode ser evidenciada, segundo Heidegger, na maneira como na vida cotidiana fazemos uso indireto de referências naturais e paisagísticas constantemente. Por exemplo, quando percebemos indiretamente as variações de umidade, do vento e da intensidade da luz solar. Heidegger diz:

Nas estradas, pontes, ferrovias, sinais de estrada e instalações similares, o mundo como natureza e terra permanece constantemente como uma preocupação. Uma plataforma ferroviária coberta leva em conta a água, a água de um temporal. A iluminação pública, uma simples lâmpada de rua, leva em conta a escuridão, o encargo específico pela ausência do sol e da luz do dia. Conforme já indiquei, relógios públicos levam em conta, constantemente, uma constelação particular no sistema do mundo, a ‘posição do sol’ em relação à Terra. Em tudo isso, alguma coisa está presente, alguma coisa é especificamente levada em conta com referência a esse caráter danoso, na medida em que é ameaçador, obstrutivo, sem serventia e resistente.<sup>11</sup>

De antemão, temos um conhecimento não objetivo dos fatores paisagísticos naturais e urbanos, os quais englobam em um sentido mais amplo nossa circunvisão utilitária em sentido ambiental. Assim, estamos sempre situados, também, neste sentido público do mundo, no qual consta previamente uma referência não-objetiva à paisagem de um mundo circundante. Em outras palavras, não somente as construções levam em conta as intempéries, mas nós também levamos sempre em conta o não-objetual do mundo, a natureza e o espaço público, ao nos vestirmos para o trabalho, traçarmos nossos caminhos e

---

<sup>11</sup> HEIDEGGER, M. apud SARAMAGO, L. *A Topologia do Ser*, p. 86.

desempenharmos nossas atividades. Desse modo, encontramos paisagens indiretamente, como ameaça constante, pois sua instabilidade pode oferecer sempre resistência e obstruir nossos projetos. Heidegger ainda esclarece que:

Quando olhamos um relógio, fazemos um uso implícito da “posição do sol”, segundo o qual se faz o ajuste astronômico da medição oficial do tempo. No uso do instrumento relógio, manuseado discreta e diretamente, a natureza do mundo circundante também está à mão.<sup>12</sup>

A manuseabilidade da natureza, estendendo-a à paisagem como fenômeno de reunião, se dá, neste sentido, de forma muito mais ampla e originária em comparação ao modo pragmático com o qual nos ocupamos instrumentalmente de um utensílio. Faz-se evidente que enquanto agimos no mundo utilitário, o conhecimento das horas do dia e do traslado do sol sempre aconteceu prévia e indiretamente pela forma como a luz e o calor emanados pelo sol guiam nossa própria referência de tempo.

A constatação de que um conhecimento prévio da natureza, em um sentido ambiental e, com isso, também paisagístico, anterior ao mundo instrumental, induz a se pensar a natureza como uma esfera de realidade ainda mais originária do que o próprio mundo. Contudo, Heidegger esclarece que o fato do fenômeno “natureza” só poder ser compreendido ontologicamente no contexto referencial e significativo do mundo vem reforçar a própria originalidade e primazia da realidade mundana.

Assim, a despeito de que, invariavelmente, paisagens existam para um encontro enquanto caminhamos pelas ruas, dirigimos um carro, ou conversamos com alguém, mesmo sem as perceber previamente, já as levaríamos em conta. Ocupados com preocupações e projetos constantes, a paisagem está para nós, na maior parte do tempo, como um envoltório distante e público, com o qual lidamos de modo impessoal. Em *Prologômenos para a História do conceito do Tempo* (1925), Heidegger diz:

O mundo da ocupação sempre tem prioridade no interior do mundo ambiente. Aquele no qual a ocupação se encontra absorvida, o mundo do trabalho, tem uma função primária no encontro do ambiente como um todo. Mas o mundo no qual a ocupação, em algum momento,

---

<sup>12</sup> ST, p. 119.



decaiu, não é tematicamente percebido, nem pensado, nem conhecido, e é justamente isto que fundamenta a possibilidade de uma realidade original. A presença do mundo específico da ocupação significa a não objetividade como algo apreendido.<sup>13</sup>

Heidegger enfatiza aqui a presença do mundo público como uma pré-existência já sempre previamente apreendida ao mundo da ocupação. Frisa ainda que a ocupação no trabalho tem privilégio em relação ao encontro com o ambiente como um todo. Neste sentido, paisagem é um cenário discreto e praticamente imperceptível para a existência diária.

Com o que até aqui foi exposto, percebemos que a referencialidade e a rede de significados imanentes à paisagem é anterior à visualização de sua materialidade e aparência. Para que esta possibilidade assome, é necessário “afastar as tendências de interpretação afluentes e concorrentes que encobrem o fenômeno da ‘ocupação’”<sup>14</sup>.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger esclarece que há a possibilidade de interrupção do modo pragmático com o qual primordialmente lidamos com as coisas. Em relação à natureza, diz: “pode-se prescindir de seu modo de ser à mão e determiná-la e descobri-la apenas em seu modo de ser simplesmente dado.”<sup>15</sup> Ou seja, podemos deixar de enxergar as coisas e também a própria paisagem e seus elementos naturais como se estivessem dispostos ao uso em virtude de uma finalidade, para encontrá-los simplesmente “por aí”, disponíveis para um encontro. Vejamos em seguida o que ocorre neste acontecimento.

## 2.2

### **A contemplação da paisagem como uma possibilidade da ocupação mundana**

Assim como o martelo pode quebrar, o mar pode se apresentar não navegável, ou a chuva pode interromper os planos de plantio do agricultor. Estes eventos que fogem do que é previsível podem provocar um estranhamento devido à quebra da cadeia de intencionalidade na qual vínhamos agindo. Tal interrupção também pode ocorrer quando somos simplesmente surpreendidos por algo, como

<sup>13</sup> HEIDEGGER, M. apud SARAMAGO, L. *A Topologia do Ser*, p. 68.

<sup>14</sup> ST, p. 115.

<sup>15</sup> ST, p. 117.

por exemplo, uma mudança de luz ou de temperatura que nos abre os olhos para a paisagem circundante. A partir deste acontecimento passamos a perceber a paisagem fora do contexto cotidiano, no qual usualmente lidamos com ela, em que passa despercebida.

Primeiro, a surpresa da indisponibilidade de uso, a importância de um acontecimento ou a impertinência de determinada situação causam um estranhamento que revela que, durante todo o tempo, estivemos projetando e pressupondo um contexto para explicar a maneira como nos relacionamos com a paisagem e com todas as coisas. A não navegabilidade do mar, como uma perturbação da atividade do pescador explicita e faz visível o próprio mar, assim como o contexto referencial pelo qual o pescador o apreende e o ambiente original de sua atividade. Este acontecimento não revela nada novo aos olhos do pescador, mas sim a própria familiaridade que tem em relação à paisagem marítima dentro do conjunto instrumental da pesca. E, dessa forma, anuncia-se o mundo do pescador.

Como se vê, primeiro, a perturbação da ocupação do pescador lança luz ao mar na circunvisão, na lida e no uso, revelando toda a cadeia de referências e significados nos quais o mar é apreendido pelo pescador e para com seus conterrâneos. Assim, no encontro ao simplesmente dado, não salta aos olhos, à primeira vista, a substancialidade e a materialidade de algo, mas se descortina a própria manualidade e a familiaridade do mundo. Esta é a própria condição para a revelação do mundo. A perturbação causada pela surpresa, suspende o véu da familiaridade e, desse modo, por meio do estranhamento, dá-se lugar para uma interrupção na cotidianidade – no modo pragmático e utilitário com o qual somos acostumados. Nas palavras de Heidegger:

Abstendo-se de todo produzir, manusear, etc., a ocupação se concentra no único modo ainda restante de ser-em, ou seja, no simples demorar-se junto a... Com base nesse modo de ser para o mundo, que se permite um encontro com o ente intramundano em sua pura configuração e como modo dessa maneira de ser, é que se torna possível uma visualização explícita do que assim vem ao encontro. Essa visualização é sempre um direcionamento para... um encarar o ente simplesmente dado. Retira antecipadamente do ente que vem ao encontro um 'ponto de vista'. Essa visualização se dá em si mesma, demorando-se de modo autônomo, junto ao ente intramundano. Nessa

‘demora’ – enquanto abstenção de todo manuseio e utilização – cumpre-se a percepção de um ente simplesmente dado.<sup>16</sup>

Quando são afastadas as tendências e preocupações que os diferentes modos de ocupação disponibilizam, abre-se a possibilidade para um modo de ocupação particular: o conhecimento de um ente como algo simplesmente dado. Para Heidegger, quando são afastados todos os pontos de vistas tematicamente pré-estabelecidos da ocupação, que caracteriza um modo particular de visão – a circunvisão daquele que age –, nos concentramos no último modo de ocupação possível, a contemplação, como uma atitude teórica. Deve-se ter em vista que a contemplação, para o filósofo, é ainda, originariamente, uma ocupação. A diferença consiste em que “a atitude teórica visualiza meramente, sem circunvisão. Embora destituído de circunvisão, visualizar não é desprovido de regras.”<sup>17</sup>

Na contemplação, como um dos modos originários da ocupação, percebemos os entes como coisas simplesmente dadas, como a pedra, a nuvem e a paisagem natural. Mas, também a paisagem urbana pode ser encontrada como uma coisa simplesmente dada, pois sempre esteve aí anônima e pública, perene e constantemente em transformação.

Neste tipo de encontro, dá-se a possibilidade para nos demorarmos junto da paisagem, como algo simplesmente dado, e passarmos a perceber com mais nitidez suas propriedades físicas e o seu aspecto. Estamos, quando nos abstermos de toda forma de utilização e manuseio, mais dispostos a visualizar uma paisagem por sua forma. Neste momento, passamos a analisá-la por suas características físicas, como a claridade, a umidade, temperatura, sua composição e extensão. Podemos anotar estas características e registrá-las de modo preciso e objetivo, em atenção a um método. Para Heidegger, o método é a estrutura que sustenta o modo de ocupação contemplativo. De igual maneira, podemos admirar suas qualidades estéticas, atendendo às suas regras e limites.

Em relação a uma paisagem marítima, por exemplo, percebe-se que é composta pelo mar, sua cor e movimentação, pelo bater das ondas na praia, sua

---

<sup>16</sup> ST, p. 102.

<sup>17</sup> ST, p. 118.

intensidade, a umidade e o salgado da brisa marítima, se o céu está claro ou nublado, e se as nuvens estão ou não carregadas. Notamos se há barcos pesqueiros ou pessoas banhando-se no mar, quantas são e suas aparências. Ainda assim, esse modo de descobrimento da paisagem limita-se à simples percepção e, no mais das vezes, no deleite da contemplação estética. Esta é a compreensão tradicional de paisagem. Nas palavras de Georg Simmel, no ensaio *A filosofia da Paisagem*, 1913, a paisagem é “um certo conteúdo do campo de visão que cativa o nosso espírito.”<sup>18</sup>

Por meio do estudo da filosofia heideggeriana, compreende-se que, por outro lado, para que possamos perceber um “certo conteúdo do campo de visão” por si só é necessário operar “uma determinada desmundanização do mundo.”<sup>19</sup> Contudo, mesmo que nos encontremos com a natureza como uma coisa simplesmente dada, e possamos contemplar a paisagem natural a partir desta “determinada desmundanização do mundo”, esta contemplação não é “livre” do mundo. Mesmo se reduzirmos toda uma paisagem à contemplação ótica de suas cores, em uma última tentativa de decomposição conceitual da paisagem, esta não é isenta à realidade mundana. Em outras palavras, nunca veremos simplesmente cores. Nunca contemplaremos ingenuamente uma paisagem e, por conseguinte, não é possível que “um certo conteúdo do campo de visão” seja capaz de causar uma comoção cativante em nós por si só.

Além disso, não se pode reduzir a totalidade da paisagem a algo passível de ser apreendido apenas pela visão. A apreensão de uma paisagem, além da visão, envolve a todos os sentidos. Mesmo que não possamos ver as ondas do mar, ou ouvi-las estourar, podemos sentir a humidade e a salinidade na brisa marítima, a força das ondas na vibração do ar e no piso, assim como o cheiro inerente à maresia.

Heidegger enfatiza o fato de que embora as sensações físicas, como a contemplação ótica – geralmente privilegiada em relação aos outros sentidos quando se trata de uma “experiência paisagística” –, possam parecer puras e descontextualizadas em relação ao “fenômeno do mundo”, isso, de fato, não

---

<sup>18</sup> SIMMEL, G. *Filosofia da paisagem*, p. 1.

<sup>19</sup> ST, p. 113.

ocorre. Uma cor, um ruído, uma forma são diretamente relacionadas a um ente mundano e não primeiramente tomadas em estado bruto ou “puro” para posteriormente serem relacionadas a este ou aquele objeto. Não escutamos ruídos, escutamos a porta que bate, a onda que estoura. Não vemos simplesmente cores, mas sim a cor de determinada coisa e o que ela induz ou significa. Nas palavras de Heidegger:

“Em primeiro lugar”, nunca escutamos ruídos e complexos acústicos. Escutamos o carro rangendo, a motocicleta. Escuta-se a coluna marchando, o vento do Norte, o pica-pau batendo, o fogo crepitando.

Somente numa atitude artificial e complexa é que se pode “escutar” um “ruído puro”. Que escutamos primeiramente motocicletas e carros, isso constitui, porém, um testemunho fenomenal de que a presença, enquanto ser-no-mundo, já sempre se detém junto ao que está à mão dentro do mundo e não junto a “sensações”, cujo turbilhão tivesse de ser primeiro formado para propiciar o trampolim de onde o sujeito pudesse saltar para finalmente alcançar o “mundo”.<sup>20</sup>

Michel Haar, comentando Heidegger, diz que isso se deve justamente à maneira como a compreensão do mundo acontece imediatamente pela via do corpo. Nós sentimos – ouvimos, vemos, cheiramos, degustamos, tateamos – apenas porque, em certa medida, compreendemos. Mesmo os sentidos ditos mais primitivos, como o tato e o olfato, só podem ser descobertos na totalidade de um mundo. Heidegger diz:

Um ente só poderá tocar um outro ente simplesmente dado dentro do mundo se, por natureza, tiver o modo de ser-em, se, com sua presença, já se houver sido descoberto o mundo. Pois a partir do mundo o ente poderá, então, revelar-se no toque e, assim, tornar-se acessível em seu ser simplesmente dado.<sup>21</sup>

Percebe-se que a compreensão intramundana é mais original do que a pura sensação física. Assim, para Haar, Heidegger demonstra que nossa sensibilidade corporal não é puramente física, mas sim permeada pela compreensão; pois, o significado é imanente ao “sensível” desde o princípio. Mesmo que o dado colhido pelos sentidos não faça parte de nosso universo de

<sup>20</sup> ST, p. 227.

<sup>21</sup> ST, p. 101.

compreensão, isso não significa que teremos uma “experiência pura” deste. Heidegger explica que mesmo ao ouvir pessoas conversando em uma língua estrangeira, escutamos sons incompreensíveis e não dados sonoros isentos de significado. Embora não se entenda de fato aquilo que está sendo dito, se compreende que uma pessoa fala algo, isso bastando para que possamos nos situar e agir.

Contudo, a compreensão para Heidegger não é, tampouco, um acontecimento puro e livre de influências do ambiente e das coisas. A compreensão também se situa de acordo ao contexto afetivo e físico no qual está envolvida, pela *Stimmung*. Assim, para Heidegger, a paisagem não pode ser apreendida como um objeto diante de um sujeito. O que percebemos em Heidegger é justamente a flexibilidade e a permeabilidade destes limites. Tanto a paisagem não se dá como uma imagem que se apresenta aos olhos de um observador, quanto este não pode ser compreendido em uma posição distanciada e isenta em relação à própria paisagem. Vejamos esta contribuição de Heidegger para a compreensão da paisagem de modo mais profundo a seguir.

## 2.3

### A *Stimmung* da paisagem

Como assinalado anteriormente, a compreensão para Heidegger é passível de sofrer influências das coisas e do ambiente à sua volta. Isso se deve ao fato de que a compreensão, para além da percepção intramundana das sensações, é sempre imbuída de uma disposição de espírito sintonizante, expressa pelo termo alemão “*Stimmung*”. Em suas palavras, “o compreender está sempre afinado pelo humor.”<sup>22</sup> Deste modo, o encontro com uma paisagem, estará sempre predisposto pela *Stimmung*. Isto tendo em vista que a *Stimmung*, juntamente com outros modos de abertura, tanto quanto a compreensão ou o discurso, são estruturas mais originais do que a própria corporalidade.

A percepção da paisagem é sempre situada pela *Stimmung*, pois os sentidos e as sensações são a cada momento atravessados por diversos estados de espírito, como a agonia, a alegria e a tristeza. Nos diferentes estados de espírito,

---

<sup>22</sup> ST, p. 202.

nós nos encontramos como se já estivéssemos predispostos a uma atitude sempre situada para os encontros com a paisagem, invariavelmente sintonizados afetivamente.

*Stimmung*, no alemão comum, significa *humor* ou *estado de espírito*. No âmbito da filosofia heideggeriana, contudo, este conceito assume uma enorme complexidade. Comentadores e tradutores de Heidegger tendem a traduzir *Stimmung* por disposição, humor, sintonia, afinação ou, ainda, por tonalidade afetiva. As últimas traduções levam em consideração a origem etimológica da palavra *Stimmung*, proveniente do verbo *stimmen*, que significa afinar ou sintonizar um instrumento musical. Posteriormente, o verbo *stimmen* foi transposto também para o universo humano. Neste caso, a sintonia não prevê a harmonização do tom musical, mas sim a afetiva. Próxima a essa compreensão, também poderíamos tomar a noção de simpatia entre duas pessoas.

Para Heidegger, a *Stimmung* se precipita, ela não vem de “fora” nem de “dentro”, mas cresce a partir de si mesma, como o modo pelo qual somos no mundo.<sup>23</sup> A *Stimmung* de uma paisagem, deste modo, não emana das coisas por elas mesmas, tampouco da nossa subjetividade ou corporalidade. Mas é tão somente pelo fato de sermos sensíveis, que podemos ser tocados pela paisagem e sermos surpreendidos, podendo, por isso, experimentar as diferentes sensações de insegurança, apreensão, medo, ou mesmo deleite.

A *Stimmung* é o modo existencial que dá o tom do estar desperto e disposto ao encontro com a paisagem, pois revela o como alguém está disposto. Se tristes ou alegres, perceberemos uma paisagem de diferentes maneiras. Isso apenas é possível porque existe em nosso ser uma pré-determinação ontológica para a tristeza e para a alegria, que pode vir a ser tocada e vigorar.

Dessa maneira, a *Stimmung* caracteriza uma predisposição à harmonização, àquilo que nos estimulará ou nos entediará. Por sermos sensíveis à paisagem, somos também predispostos a uma mudança de disposição induzida por ela. Heidegger esclarece que nós nunca estaremos fora de um modo afetivo. A única maneira de sair de algum é suportando outro. Mesmo o mau-humor é um modo afetivo, assim como a indiferença às coisas. Somente por estarmos sempre

---

<sup>23</sup> ST, p.196.

dispostos em um ou outro modo afetivo é que podemos também estar apáticos, de outra forma, mesmo a apatia não seria uma opção, e sim uma condição.

Michel Haar diz que sem a *Stimmung* o mundo se apresentaria como um espetáculo distante e exterior a nós, pois:

[...] o compreender como todo compreender, retorna para o corpo, mas não emana a partir deste. A compreensão ela mesma, é sempre ligada a uma preocupação prática, a uma circunspecção. Ela surge da preocupação concernente ao espaço e ao tempo que ainda precisam ser vencidos a cada dia no mundo instrumental, cuja “medida” não é nem objetiva nem subjetiva. Cada percepção é baseada na compreensão como uma possibilidade prática de se relacionar com os seres, de agir no mundo cotidiano.<sup>24</sup>

Segundo Gianni Vattimo, a *Stimmung* é ainda mais original do que a compreensão, como uma “pré-compreensão”, já que toda possibilidade dela é sempre disposta por ela. Vattimo reconhece que em *Ser e Tempo*, Heidegger apenas menciona uma co-origem entre disposição e compreensão. Contudo, sua hipótese leva em consideração que é por meio da disposição que primeiramente se abrem as possibilidades para se estar no mundo, e que, por outro lado, mesmo a percepção sensorial é sempre permeada originariamente por um modo afetivo. Desta maneira, poderíamos dizer que para Vattimo, toda relação específica com a paisagem é apenas possível em virtude da abertura garantida pela disposição.<sup>25</sup>

Para Haar, “isso significa que o prazer e a dor, por exemplo, não são simples efeitos de um estímulo no corpo ou dentro do corpo, mas em cada caso qualitativamente dependem da situação como um todo na qual elas ocorrem.”<sup>26</sup> As sensações “estimuladas” por uma paisagem, deste modo, sempre estarão vinculadas à própria situação na qual dá-se o encontro.

Uma mesma paisagem pode ser compreendida por nós de diferentes maneiras de acordo com os diferentes estados de espírito em que nos encontramos. Se preocupados, atentos, de mau-humor ou relaxados, sentiremos mais ou menos intensamente algo agradável ou desagradável, podendo até mesmo deixar um fato passar despercebido. Deve-se ter em conta que compreensão aqui

<sup>24</sup> HAAR, M. *The songs of the earth*, p. 35. Tradução livre.

<sup>25</sup> VATTIMO, G. *Introdução à Heidegger*. Tradução livre.

<sup>26</sup> HAAR, M. *Op. Cit.*, p. 36. Tradução livre.



não é entendida como uma forma de conhecimento, mas sim em sentido existencial, não sendo, portanto, necessariamente reconhecida pela “consciência”.

O modo afetivo vigente determinará o modo de abertura ao encontro com a paisagem, e assim podemos estar mais ou menos dispostos à descoberta e ao encontro genuíno com ela. Alguns modos afetivos facilitarão o encontro à paisagem mesma; outros, pelo contrário, favorecerão o seu ocultamento. Da mesma maneira, podemos ser afetados pela paisagem, em sentido ambiental, à nossa volta, favorecendo diferentes graus e modos de abertura. Segundo Heidegger:

No plano ontológico fundamental devemos confiar o descobrimento originário do mundo à “simples disposição”. A intuição pura, ainda que penetrasse nas mais íntimas estruturas do ser daquilo que está presente, não poderia nunca descobrir algo como ameaça.<sup>27</sup>

Heidegger frisa que a descoberta de algo (tenhamos em mente uma paisagem) como ameaçador se dá por meio de uma intuição afetada e não possivelmente livre de interesses. Vattimo esclarece que “a afetividade nunca é um acidente que se coloca junto à pura visão teórica das coisas como um aspecto suscetível de ser distinguido e do qual se possa prescindir”<sup>28</sup>. Ou seja, mesmo que possamos visualizar uma paisagem como um ente simplesmente dado, em um evento no qual ocorre uma determinada abertura do mundo, estamos sempre predispostos por um modo afetivo. De igual maneira, somos afetados, não acidentalmente, pelas diferentes tonalidades afetivas que caracterizam a paisagem à nossa volta. Somos sensíveis a elas e às *Stimmungs* que possuem. Assim, de acordo com as peculiaridades inerentes à configuração de distintas paisagens, somos atingidos por diferentes modos afetivos. A paisagem do quintal da avó é acolhedora, a paisagem sombria de um pântano é ameaçadora, a paisagem conturbada de um centro urbano é desafiadora.

De maneira a melhor esclarecer o modo como estamos pré-dispostos a nos sintonizar com as *Stimmungs* das paisagens circundantes e a potência com que

<sup>27</sup> ST, p. 138.

<sup>28</sup> VATTIMO, G. *Op. cit.* Tradução livre.

somos atingidos por elas, nos voltaremos para uma descrição paisagística de uma praça:

Quinta-feira Santa de 2003. Aqui estou eu. Sentado ao sol. Uma grande arcada - longa, alta, bonita na luz do sol. A praça me oferece um panorama - as fachadas de casas, a igreja, os monumentos. Atrás de mim está a parede do café. Apenas o número certo de pessoas. Um mercado de flor. Luz do sol. Onze horas. O lado oposto da praça está nas sombras, em um agradável azul. Uma maravilhosa variedade de ruídos: conversas próximas, pegadas na praça de piso de pedra, pássaros, um suave murmúrio da multidão, sem carros, sem barulhos de motor, alguns ruídos ocasionais de um canteiro de obras. Eu imagino o início das férias fazendo todo mundo andar mais devagar. Duas freiras - estamos de volta à realidade agora, não apenas na minha imaginação - acenando com as mãos no ar, atravessam lentamente a praça, fazendo seus gorros ondular suavemente como um saco plástico. Temperatura: agradavelmente doce e quente. Estou sentado na arcada em um sofá estofado com um tecido verde pálido, enquanto a figura de bronze em seu pedestal na praça está, como eu, olhando do outro lado, a igreja de torres gêmeas. Os pináculos em forma de leme das duas torres da igreja são desiguais: iguais no começo, eles gradualmente sobem em formas individuais. Um é mais alto, com coroa de ouro ao redor do pico da sua torre. Em um minuto ou dois B. andará na diagonal da direita para a praça em minha direção. Então, o que me comoveu? Tudo. As próprias coisas, as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores, presenças, materiais, texturas, formas também - formas que eu posso apreciar. Formas que posso tentar decifrar. Formas que acho bonitas. O que mais me comoveu? O meu humor, meus sentimentos, o sentimento da expectativa que me encheu enquanto eu estava sentado lá. Que traz a famosa frase platônica à mente: “A beleza está nos olhos do espectador”: está tudo em mim. Mas então eu faço um experimento: eu tiro a praça - e os meus sentimentos não são os mesmos. Um experimento fundamental, certamente - por favor, desculpem a simplicidade do meu pensamento: eu removo a praça e os meus sentimentos desaparecem. Eu nunca poderia ter esses sentimentos, sem a atmosfera da praça.<sup>29</sup>

Primeiramente, percebe-se que o autor traça um panorama das qualidades físicas do lugar onde se encontra, relata aquilo que vê e sente da paisagem da praça. Percebemos que em meio a esta descrição, misturam-se observações feitas por ele próprio, como uma apropriação daquilo que vê como algo seu, a ponto de perguntar a si mesmo se tudo aquilo que o comoveu não estaria nele, em seus olhos. O experimento de retirada da praça revela, contudo, que sua disposição se altera, pois aquilo que sente, quando distante dela não é mais o mesmo. Tal

<sup>29</sup>ZUMTHOR, Peter. *Atmosphere: Architectural environments - surrounding objects*, p. 15.

disposição de espírito se altera, devido à influência que a *Stimmung* daquela paisagem em particular, daquela praça e não de outra, exerce sobre o autor.

Percebemos, também, com maior clareza, que a disposição de espírito não é limitada à percepção sensorial da praça, tampouco ao modo afetivo daquele que está no local, mas por uma afinação entre ambos. Notamos que a *Stimmung* da paisagem da praça teve grande influência sobre o modo como esta foi percebida. Como se de algum modo a presença de uma disposição distinta assomasse, diferente à inicial, e que, progressivamente, possibilitou a mudança de ocupação do narrador, da espera à contemplação. Assim, a afinação da *Stimmung* da paisagem da praça com a disposição de espírito do narrador deu lugar a um acontecimento especial no qual a praça se revelou a ele com “outros” olhos.

A disposição heideggeriana, por ser afetada, seria um fator de impureza quando se considera, em comparação, o sujeito kantiano. Já que, o “sujeito” é sensível ao contexto e sempre inserido em determinado projeto de acordo com o modo de disposição no qual se encontra. Assim, o “sujeito” nunca se encontra em uma posição livre de interesses e de significados. Heidegger mesmo não emprega a palavra “sujeito”, justamente porque pretende ultrapassar seu significado metafísico e também evitar possíveis equívocos.

Na verdade, a ideia do sujeito como um observador desinteressado e distanciado está presente na história da paisagem desde 1336. Os historiadores da paisagem consideram a carta de Petrarca, embora ainda cronologicamente inserida na Idade Média, o marco que introduziu a concepção moderna do termo. Na carta, Petrarca assume a intenção de uma contemplação sem fim utilitário, prático ou didático, a partir de um ponto elevado e distanciado. Ele descreve sua subida ao monte Ventoux, tendo como único objetivo a vista a partir de seu cume. Na medida em que se coloca perante um objeto, a contemplá-lo, insere a experiência moderna do sujeito que vê diante de si o mundo. Em outras palavras, ele insinua a interioridade do expectador frente à exterioridade do mundo.

Tal dicotomia entre interioridade e exterioridade do mundo no pensamento heideggeriano é desconstruída ainda mais radicalmente quando se tem em conta que a disposição mantém-se em uma relação privilegiada com o corpo. Haar diz que nossa sensibilidade corpórea está compreendida na *Stimmung*

de acordo com o modo em que é situada a partir da nossa compreensão mundana.<sup>30</sup>

Os “sentidos” só podem ser “estimulados”, só é possível “ter sensibilidade para”, de maneira que o estimulante se mostre na afecção, porque, do ponto de vista ontológico, os sentidos pertencem a um ente que possui o modo de ser disposto no mundo. Por mais fortes que fossem a pressão e a resistência, coisas como afecção não ocorreriam se a resistência não se descobrisse de modo essencial, se o disposto no mundo já não estabelecesse um liame com um ente intramundano, trabalhado de modo privilegiado por humores. *Na disposição subsiste existencialmente um liame de abertura com o mundo, a partir do qual algo que toca pode vir ao encontro.*<sup>31</sup>

Assim, percebemos paisagens não de um modo livre de interesses, como em um movimento de recepção que parte do externo ao interno, mas na disposição, como Heidegger coloca acima, subsiste a possibilidade existencial de abertura, e por meio dela aquilo que “estimula” nossos “sentidos” vem ao encontro. Haar esclarece que as sensações físicas acontecem como se em nossos corpos estas fossem acolhidas, reverberassem respostas ou despertassem ecos. Esclarece ainda, que tal acolhimento se dá na capacidade da própria *Stimmung* em compreender o corpo, em conjunto à facticidade e à totalidade, e envolvendo-o como uma antena.

Para Heidegger, a *Stimmung* “pode limitar o homem à sua corporalidade como uma prisão, mas através dela, como um de seus caminhos ou meios de expressão [Ausschwingungsbahnen], a *Stimmung* pode também transportá-lo.”<sup>32</sup> Em outras palavras, podemos nos ater somente as sensações, ou, em contrapartida, nos esquecermos delas por estarmos demasiadamente alegres ou tristes. Paisagisticamente isso significa que o encontro com a paisagem pode se ater ao acolhimento e à descoberta das sensações, ou, em favor da disposição atuante, estas podem perder nitidez, sendo atenuadas pela disposição.

Heidegger também se refere a como a disposição pode também nos transportar a diferentes tipos de abertura e encontros. Lembremo-nos do trecho acima sobre a paisagem da praça. Se antes a paisagem da praça passava

<sup>30</sup> HAAR, M. *Op. Cit.*, p. 36. Tradução livre.

<sup>31</sup> ST, p. 197.

<sup>32</sup> HEIDEGGER, M. apud HAAR, M. *Op. cit*, p. 38. Tradução livre.

despercebida, progressivamente o modo de disposição da espera deu lugar à disposição da contemplação. Isto devido a uma predisposição de afinação com a própria *Stimmung* da praça e sua paisagem. Assim, a paisagem da praça se revelou sob uma nova “ótica”, e deixou de ser um fundo invisível para tornar-se figura de nossa atenção.

Segundo Heidegger, “pertence, na verdade, à essência de toda disposição abrir, cada vez, todo o ser-no-mundo, segundo todos os momentos constitutivos (mundo, ser-em, ser-próprio).”<sup>33</sup> Ou seja, pertence à *Stimmung* a possibilidade de arrojá-lo o homem na possibilidade de diferentes modos de abertura, inclusive a um modo privilegiado no qual tudo se apresenta fora de lugar e estranho.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger trata mais diretamente de dois tipos de disposição, o medo e a angústia. Estes dois modos de disposição esclarecem como existe, entre os modos afetivos, privilégio de uns em relação aos outros. Isso no que se refere à possibilidade de afinação a uma abertura originária, na qual as coisas se apresentam tais quais em sua origem. Entre as disposições, Heidegger chama de fundamentais aquelas que, a seu ver, seriam privilegiadas. Resta então nos perguntarmos se a *Stimmung* de uma paisagem poderia vir a constituir, a partir da leitura de Heidegger, uma disposição privilegiada. Mas, antes disso, precisamos compreender o que difere uma disposição fundamental de uma simples disposição.

Uma disposição privilegiada para Heidegger é aquela em que nos colocamos diante de nós mesmos, a partir de nós mesmo, “a ponto de, numa perspectiva fenomenológica, o ente revelado chegar a se determinar em seu ser ou, ao menos, poder preparar adequadamente uma tal determinação”<sup>34</sup>. Uma disposição privilegiada, como a angústia, para Heidegger, é aquela na qual nos detemos, não com um ente intramundano, mas sim com algo inteiramente indeterminado – o mundo. Dessa maneira, as paisagens desveladas nos modos de encontro tratados previamente, na totalidade conjuntural do manual ou simplesmente dada, perdem toda sua importância. Uma possível comoção decorrente de uma atividade contemplativa da paisagem não seria o foco da

---

<sup>33</sup> ST, p. 257.

<sup>34</sup> ST, p. 250.

discussão heideggeriana, pois na disposição fundamental, “o que se estreita não é isso ou aquilo, também não é a totalidade do que é simplesmente dado no sentido de uma soma, e sim a possibilidade de tudo que está à mão, isto é, do próprio mundo.”<sup>35</sup>

Na disposição fundamental se abre “de maneira originária e direta, o mundo como mundo”<sup>36</sup>. Este acontecimento de abertura do mundo põe o próprio mundo em xeque, como um processo de revalidação, no qual o ente revelado à luz do aberto do mundo chega à sua determinação, e se deixa ver à luz da verdade. “À luz da verdade”, significa para Heidegger: “ele descobre o ente em si mesmo”<sup>37</sup>. Em outras palavras, o mundo não serve mais de parâmetro para que compreendamos a nós mesmos a partir dele e, assim, a familiaridade confiada às coisas é perdida. Em tal evento, nos encontramos repentinamente “fora de casa”, exilados, e tudo aquilo que era então conhecido torna-se estranho, inclusive a paisagem em sentido público e impessoal. Para Heidegger: “*o não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário.*”<sup>38</sup>

Há de se perguntar, portanto, como poderia, a *Stimmung* de uma paisagem, sintonizar-nos tal como uma disposição fundamental, e lançar luz ao mundo e não a um ente intramundano ou às suas características. Como poderíamos, em sentido heideggeriano, ver uma paisagem? Para Heidegger:

“Ver” significa não só não perceber com os olhos do corpo como também não apreender, de modo puro e com os olhos do espírito, algo simplesmente dado em seu ser simplesmente dado. Para o significado existencial de visão, a única coisa a ser levada em conta é a particularidade do ver em que o ente a ele acessível se deixa encontrar descoberto em si mesmo. É o que todo “sentido” realiza em seu setor genuíno de descoberta.<sup>39</sup>

Assim, em sentido originário, os “sentidos” deixam ver a paisagem em si mesma. Disposições fundamentais são aquelas que afinam os “sentidos” à descoberta genuína de algo, não se prendendo, assim, à constatação das

---

<sup>35</sup> ST, p. 253.

<sup>36</sup> ST, p. 254.

<sup>37</sup> ST, p. 289

<sup>38</sup> ST, p. 256. Grifos do autor.

<sup>39</sup> ST, p. 207.

características físicas, mas dão a ver algo mais profundo, o próprio mundo. Entretanto, de que maneira a forma resguarda algo como um mundo para que este possa ser revelado quando sintonizados a uma disposição fundamental?

## 2.4

### A paisagem como sinal

Em 1923, em *Ontologia – Hermenêutica da Facticidade*, Heidegger apresentou brevemente outro modo de encontro com as coisas, diferente do modo analítico. O exemplo que utiliza para ilustrar seu pensamento é uma mesa de jantar, um objeto de uso cotidiano com o qual estamos acostumados a lidar. Para sermos fieis ao pensamento de Heidegger, é oportuno, antes de tudo, expor aquilo que o filósofo pensa a partir da mesa para depois recolocar tais considerações em relação à paisagem.

A mesa de jantar está numa sala de uma habitação particular e, como dito, desempenha um papel: sobre ela serve-se o jantar. Na madeira do tampo, Heidegger descreve que existem riscos e falhas na pintura. Para ele, isso não é apenas uma característica do material, mas a indicação de que ali crianças brincaram. Aquilo que a mesa “é” não é ditado por seu aspecto, mas pelo modo como sobre ela no final da tarde a mãe lê um livro, ou pelas solenidades que ao redor dela a família comemorou e pelos amigos que receberam. Tais vivências inscrevem-se nos riscos e na forma da mesa.

Segundo o filósofo, esta é a mesa na temporalidade cotidiana. Da mesma maneira, podemos encontrá-la quando já estiver guardada e fora de uso. Heidegger destaca o fato de que, assim como outros objetos que deixaram de ser utilizados no dia a dia, na mesa se inscreve o acesso à rede de co-pertencimentos e às múltiplas relações que tecemos na existência diária. Nas fissuras da madeira do tampo da mesa manifestam-se as crianças a rabiscar.

Ainda cita o exemplo de um brinquedo antigo que, mesmo quebrado e irreconhecível, revela *a sua infância*. O brinquedo reúne a infância, estando esta manifesta e presente em suas características. Seja no rasgado do vestido da boneca, por exemplo, ou nos amassados de um carrinho. Segundo Saramago:

“*Isto é a minha infância*” significa: nesse encontro eu reconheço, neste brinquedo, a temporalidade da minha vida, que agora se apresenta num objeto capaz de retê-la. Esse objeto, portanto, é pleno de significatividade para mim, ainda que já completamente desprovido de utilidade.<sup>40</sup>

Assim como as fissuras na mesa de jantar, a paisagem guarda em sua forma os sinais e marcas das vidas daqueles que nela vivem. Se na mesa as fissuras da tinta indicam que sobre ela crianças brincaram, na paisagem os edifícios construídos, por exemplo, revelam a maneira como habita um povo atual ou civilizações passadas. Neste contexto é oportuno nos aproximarmos de um importante pensador da paisagem, Jean Marc Besse, para aprofundarmos como as considerações de Heidegger podem ser estendidas também a um pensamento da paisagem.

Na compreensão de Besse, paisagens também podem ser compreendidas como artefatos, visto que sua forma é resultado de sucessivas operações transformadoras que visam atender imperativos de diferentes ordens. O traço do relevo, dos rios, as características arquitetônicas e a conformação urbana, os agrupamentos vegetais, e até mesmo as espécies animais encontradas, exprimem, em sua totalidade, a relação entre um povo e a natureza. Assim, a paisagem, como a mesa de jantar, reflete as múltiplas relações de co-pertencimento que são tecidas na existência mundana.

O encontro com a paisagem não reserva apenas lugar para a contemplação de sua figura. Em um encontro *autêntico* a paisagem revela-se sob um *olhar* que vai além do pragmatismo, no contexto da existência diária de um povo. Tal evidência parece ser mais facilmente aceita quando tratamos de paisagens urbanas, pois paisagens naturais ocupariam uma posição antagônica àquilo que é produzido pelas mãos humanas. Aquilo que é natural é da ordem da *physis*, foi gerado por movimentos internos e secretos, tendo um fim em si mesmo. Entretanto, Besse nos lembra do fato de que, muitas vezes, nos esquecemos que as formas naturais são mediadas pela intervenção humana.

Besse aponta o exemplo das paisagens de cerejeiras no Japão e de oliveiras na Grécia. Florestas que parecem resultado do movimento livre e

---

<sup>40</sup> SARAMAGO, L. *Op. cit.*, p. 47.



espontâneo do vir-a-ser e, portanto, “livres da ação antrópica”, são na verdade resultado de modificações sucessivas advindas da extração vegetal, cultivo e abandono das terras. Refere-se ainda ao exemplo dos campos ingleses ou franceses, os quais, na verdade, são resultado de um grande projeto paisagístico. Foram séculos de seleção das melhores formações vegetais a serem cultivadas, de alteração de encostas para melhor servirem à criação de ovinos e à agricultura, assim como à alteração dos cursos de água, de modo a melhor abastecerem as necessidades urbanas e a irrigação dos pastos.

Segundo Jeff Malpas, em *The place of landscape*, mesmo a paisagem dita selvagem pode ser determinada em função do conjunto de interações com os homens. Malpas reconhece que paisagens são, de certo modo, resultado de uma construção humana, ainda que por sua abstinência – como se esta fosse um tipo de artefato. Contudo, mesmo que isso seja verdade, não significa que a ação humana desempenhe o papel determinante em sua conformação. Mesmo que a paisagem possa ser moldada por nós, nós também somos moldados por ela. Nenhuma das partes tem primazia sobre a outra. Se por um lado, a paisagem não é algo completamente natural, por outro, tampouco é fruto exclusivo da construção do homem. Segundo Malpas:

Por este motivo, também, não podemos pensar a paisagem meramente como aquilo onde as atividades humanas se localizam e onde agimos nossas vidas – como se a paisagem conformasse meramente algo da ordem de um cenário, muito bem pintado com certeza, diante do qual atuamos. Ao invés disso, a paisagem é, tal como W. J. T. Mitchell escreve, “o meio em que vivemos, e nos movemos, em que somos o que somos, ao qual somos destinados, e em última instância, para onde retornaremos.”<sup>41</sup>

A paisagem guarda em sua forma os traços do povo que nela habita, do mesmo modo que resguarda as marcas dos fenômenos naturais que a constituíram. Na forma da paisagem permanecem inscritas tais existências e sua temporalidade. A partir de uma leitura da obra heideggeriana, Anne Cauquelin, em seu livro *A invenção da paisagem*, compreende que a paisagem participa da própria eternidade da natureza e está ligada a muitas emoções, a muitas infâncias, a

---

<sup>41</sup> MALPAS, J. *The place of landscape*, p. 17. Tradução livre.

muitos gestos que parecem sempre pré-existent e já realizados.<sup>42</sup> Entretanto, a paisagem encontra-se velada na cotidianidade e tais evidências não se mostram. Segundo Heidegger, a raridade de um encontro original,

[...] é um indício de que, em sua propriedade, a presença permanece encoberta para si mesma em vista da interpretação pública do impessoal e que, nessa disposição fundamental, abre-se para um sentido originário.<sup>43</sup>

Sintonizados em uma disposição fundamental, em um encontro *autêntico*, a paisagem daria a ver a natureza e o modo de ser de um povo em sua plena significatividade. Heidegger, no § 17 em *Ser e Tempo*, pensa justamente sobre aquelas coisas que dão a ver: os sinais. Para Heidegger os sinais devem visar à surpresa, de modo a interromper a circunvisão, e são singularmente “instalados” para facilitar o acesso à descoberta.

Os sinais se mostram a partir das possibilidades de determinada configuração instrumental e do mundo circundante e também podem surgir a partir de coisas que estejam à mão e não foram produzidas no intuito de mostrarem algo. Os riscos na madeira são sinais e expõem a temporalidade cotidiana da mesa, o brinquedo no sótão serve como sinal para a infância. A paisagem é o sinal da instabilidade da natureza e da mutabilidade do ambiente, fruto do constante esforço do homem em habitar a terra. Como sinal, a paisagem sempre aponta para a totalidade referencial da qual ela mesma pertence. Heidegger utiliza o exemplo do vento, um fenômeno natural, para explicar como algo existente serve como sinal. Neste contexto, para dilatar o argumento heideggeriano, penso tal colocação sob um olhar paisagístico:

Se, por exemplo, no cultivo do campo, o vento sudeste “vale” como sinal de chuva, então essa “validade” ou “valor atribuído” a esse ente não é um acréscimo a algo já simplesmente dado em si mesmo como a corrente de ar ou uma determinada direção geográfica. Enquanto algo que somente ocorre, mesmo que possa ser meteorologicamente acessível, o vento sudeste nunca é simplesmente dado antes de qualquer coisa para então adquirir a função de prenúncio. É a

<sup>42</sup> CAUQUELIN, A. *A invenção da paisagem*, p. 30

<sup>43</sup> ST, p. 257.

circunvisão própria ao cultivo do campo que, levando-o em conta, descobre justamente aí o vento sudeste em seu ser.<sup>44</sup>

A partir do estudo da filosofia heideggeriana, Edward S. Casey, em seu livro, *Getting back into place*, assinala que a construção de uma paisagem conjuga fatores culturais e naturais como uma condição fundamental da construção do lugar de um povo histórico. Para ele, é sob essa condição que emerge o significado de uma paisagem, passando a se articular e manifestar de modo emblemático. Assim, a paisagem em seu ser altera-se em função das mudanças dos valores culturais incorporados por aqueles que a habitam e também a partir das transformações das gerações e da morte de seus mundos.

Heidegger irá tratar, sob essa perspectiva, de forma mais detida o tema da paisagem especialmente em 1934, em uma carta intitulada *Por que permanecemos na província?*<sup>45</sup>. Tal escrito foi primeiramente apresentado em uma transmissão de rádio e, depois, publicado em um jornal municipal – *Der Alemanne*. Estudaremos esta carta mais detalhadamente a seguir.

## 2.5

### O encontro autêntico com a paisagem: a paisagem como um acontecimento

Antes de tudo, deve-se levar em consideração que a década de 1930 é um momento polêmico na vida de Heidegger por dois motivos. Em 1933, assume a reitoria da Universidade de Freiburg, o que atestava sua adesão ao Partido Nacional Socialista Alemão. Durante este período, Heidegger fez alguns discursos que faziam alusão à propaganda nazista. Em algumas passagens de *Introdução à Metafísica* (1935), por exemplo, percebe-se a exaltação ao Estado alemão e mesmo ao III Reich.

Dez meses após aceitar o cargo de reitor, o filósofo renuncia, denotando sua franca frustração com os rumos tomados pela academia alemã, francamente

<sup>44</sup>ST, p. 130.

<sup>45</sup> A versão que estudamos foi publicada em 1962 por Guido Schneeberguer no livro *Nachlese zu Heidegger* e traduzida para o inglês por Thomas Sheehan em *Heidegger: the man and the thinker*, 2010. Para minha tradução das passagens dessa carta citadas nesta pesquisa foi também utilizada a versão em espanhol, *¿Porque Permanecemos em la Provincia?*. Tradução de Jorge Rodríguez. Bogotá. Revista Eco, tomo VI, 1963.

oprimida pela presença nazista. Segundo Martins Filho, tal atitude demonstra uma forma de protesto para com o regime. Ele lembra ainda como era feito o acompanhamento pelo serviço secreto alemão dos seminários e cursos proferidos por Heidegger.

Tais fatos não podem ser perdidos de vista quando se pretende estudar o pensamento de Heidegger daquela década. Alguns comentadores de Heidegger, inclusive, condenam essa parte da produção heideggeriana, devido ao seu envolvimento político de seu autor. O próprio filósofo teve sua licença de ensino suspensa, em 1946, por ser taxado como nazista, somente retornando a lecionar em 1951.

Entretanto, aquela década também representou um dos períodos mais importantes dentro de sua produção filosófica, sendo marcada por aquilo que muitos comentadores, e até mesmo Heidegger, chamam de a “virada” de seu pensamento. A partir da “virada” o filósofo recoloca a questão do Ser, afastando-se da linguagem conceitual que empregara em *Ser e Tempo*, numa abordagem inteiramente nova e mais vasta do que a realizada anteriormente, sem, contudo, romper com ela.

Há muitas maneiras de se lidar com a presença deste fator político e polêmico na filosofia heideggeriana. No entanto, o foco deste presente trabalho não é tratar dos possíveis desdobramentos de sua filosofia neste sentido, e sim apresentar as contribuições que sua produção filosófica trouxe para o entendimento da paisagem, guardando o conhecimento das complicações ideológicas existentes.

Em 1931, Heidegger recebe e declina um primeiro convite para lecionar na Universidade de Berlim. Dois anos depois, no inverno de 1933, já então Reitor da Universidade de Freiburg, recebe uma segunda proposta, que também é recusada. Ao escrever *Por que Permanecemos na Província?*, Heidegger justifica este procedimento. A recusa foi em função de, a seu ver, sua filosofia estar intrinsecamente relacionada a um lugar em particular: à paisagem montanhosa de Todtnauberg, onde se encontrava sua cabana. A não aceitação do convite decorre de sua convicção de que a proximidade daquela comunidade e das montanhas da

Floresta Negra era mais fértil e de maior valor para seu pensamento do que qualquer reconhecimento dado pelo meio acadêmico.

Jeff Malpas, em *Heidegger in Benjamin's city*, e Adam Shaar, em *Heidegger's Hut*, destacam a postura anti-moderna que Heidegger assume nesta carta, em favor de certo “provincianismo” – palavra esta que Shaar ressalta ser a maneira como o próprio filósofo se refere à sua filosofia. Malpas, por sua vez, nota o modo como a imagem de Heidegger é geralmente mais relacionada à província de Todtnauberg do que à cidade de Freiburg (na qual passou grande parte de sua vida), ou a Messkirch (cidade onde nasceu).

Em 1922, Heidegger construiu uma pequena cabana no alto da Floresta Negra, ao sul da Alemanha, no pequeno vilarejo de Todtnauberg. Extremamente simples, contava com 42 metros quadrados, quatro ambientes distribuídos igualmente em um retângulo de seis metros por sete. Nela Heidegger recebeu diversos amigos, filósofos e artistas, e escreveu grande parte de sua produção filosófica. Ao longo de cinco décadas, escreveu alguns de seus primeiros textos, parte de *Ser e Tempo* e até mesmo alguns de seus mais enigmáticos ensaios.

Na abertura da carta, o filósofo descreve pragmaticamente sua cabana, que ainda hoje pertence a sua família, e a paisagem de Todtnauberg. Apresenta a cabana e sua paisagem na visão de um viajante, a partir da constatação de suas características, como anteriormente, em *Ser e Tempo*, constatou o encontro com as coisas simplesmente dadas.

Em uma encosta íngreme de um amplo vale nas montanhas, ao sul da Floresta Negra, a uma elevação de 1150 metros, ergue-se uma pequena cabana de esqui. Sua planta mede seis metros por sete. O teto baixo recobre três cômodos: a cozinha, que também é a sala de estar, um quarto de dormir e um gabinete. Espalhadas em amplos intervalos por toda a estreita base do vale, e pela igualmente escarpada encosta do outro lado, encontram-se casas de fazenda, com seus amplos telhados em balanço. Encosta acima, as campinas e pastagens levam aos bosques, com seus escuros pinheiros, antigos e elevados. Sobre todas as coisas, estende-se um claro céu de verão, e em sua radiante amplidão dois falcões planam ao redor em largos círculos.<sup>46</sup>

<sup>46</sup>HEIDEGGER, M. *Why do I stay in the provinces?* In: SHEEHAN, T.(ed). *Heidegger: the man and the thinker*, p. 27. Doravante referido como PPP. Tradução livre.

Os viajantes admirados contemplam a paisagem e maravilham-se com sua beleza e com suas qualidades pitorescas. Esta situação era muito comum aos viajantes citadinos que iam à Todtnauberg – que crescia como um importante ponto turístico na região rural da germano-suábia. A paisagem e a cabana apresentada na descrição acima por Heidegger é o seu mundo de trabalho. Em contraposição, o filósofo diz nunca ter visto a paisagem.

Para Heidegger, aquilo que significa *ver*, ao longo do tempo, foi reduzido à percepção de uma operação ótica pura. A negação, dentro do contexto do pensamento heideggeriano, nos lembra que a contemplação, como uma das possibilidades de ocupação, é limitada a uma circunvisão analítica. Com isso, a paisagem na visão do observador não se mostra verdadeiramente. Para Heidegger, a visão em sentido existencial “é a particularidade do ver em que o ente a ele mesmo acessível se deixa encontrar no descoberto em si mesmo.”<sup>47</sup> Assim, todos os sentidos, em essência, descobrem em sentido muito mais profundo a paisagem. Heidegger diz:

Eu mesmo nunca vejo realmente a paisagem. Sinto sua transformação contínua, de dia e de noite, no grande ir e vir das estações. No pesado da montanha e na dureza da pedra primitiva, no contido crescer dos pinheiros, na festa luminosa e sensível dos prados floridos, no murmúrio do arroio da montanha na vasta noite de outono, na austera sensibilidade das planícies totalmente cobertas de neve - tudo isto se condensa, se precipita e vibra em seu auge através da existência diária e não em momentos forçados de imersão estética ou artificial empatia, mas apenas quando a própria existência se encontra em seu trabalho. Somente o trabalho abre o âmbito da realidade da montanha. A marcha do trabalho parece fundida com o acontecer da paisagem.<sup>48</sup>

Heidegger diz nunca ter visto uma paisagem da maneira usual que damos ao termo, e sim tê-la sentido, aproximando-se de uma concepção existencial dos sentidos. A paisagem, segundo ele, é encontrada de modo muito mais profundo em toda a sua significatividade na temporalidade da existência diária, ultrapassando o modo de encontro descrito em *Ser e Tempo*. A natureza aqui não é encontrada como fonte de energia e matéria prima, mas à luz da existência

---

<sup>47</sup>ST, p. 207.

<sup>48</sup>PPP, p. 27. Tradução livre.

diária, como aquilo que realmente é, como aquela que “tece e acontece”. Em *Ser e Tempo*, Heidegger comenta:

Natureza aqui, porém, não deve ser compreendida como algo simplesmente dado e tampouco como poder da natureza. A mata é reserva florestal, a montanha é pedreira, o rio é represa, o vento é vento “nas velas”. Com a descoberta do “mundo circundante”, a natureza assim descoberta vem ao encontro. Pode-se prescindir de seu modo de ser à mão e determiná-la e descobri-la apenas em seu modo de ser simplesmente dado. Nesse modo de descobrir, porém, a natureza se vela enquanto aquilo que “tece e acontece”, que *se precipita sobre nós, que nos fascina com sua paisagem*.<sup>49</sup>

Em *Por que Permanecemos na Província?*, Heidegger nos insere no próprio desvelar da paisagem, em contínua transformação de dia e de noite, ao longo das estações. Em outras palavras na contínua instabilidade da *physis*. Segundo Heidegger, *physis* sobrepuja o conceito de natureza<sup>50</sup>. *Physis* para os gregos, segundo o filósofo, era o vigor dominante daquilo que sai e brota por si mesmo e assim permanece. Em sua raiz léxica está *phyein*, o crescer ou aquilo que faz crescer. Na paisagem a *physis* revela-se “no pesado da montanha e na dureza da pedra primitiva, no contido crescer dos pinheiros, na festa luminosa e sensível dos prados floridos”<sup>51</sup>.

Encontramos a *physis* condensada através da existência diária, na paisagem que se precipita sobre nós. Tal evento nos fascina. Entretanto, este encontro não se manifesta nos fenômenos naturais. Heidegger esclarece que os gregos não experimentaram a *physis* nesses fenômenos, mas, pelo contrário, foi pela força de uma experiência fundamental do ser facultada pela poesia e pelo pensamento que ela pode desvelar-se. Somente em razão deste *des-velamento* puderam ter olhos para a natureza.<sup>52</sup>

Como visto, não há em *Por que Permanecemos na Província?* nem o privilégio da visão em relação aos demais sentidos, e tampouco a necessidade do recorte ou enquadramento do olhar, como dita a história moderna e artística da paisagem nas artes plásticas. Se para Simmel, como vimos, a paisagem era um

<sup>49</sup> ST, p. 117. Grifos meus.

<sup>50</sup> Para Heidegger, no momento em que se traduziu a palavra de origem grega para o latim como “natura”, uma dimensão essencial da experiência grega se perdeu.

<sup>51</sup> PPP, p. 27. Tradução livre.

<sup>52</sup> HEIDEGGER, M. *Introdução à metafísica*, p. 45.

conteúdo do campo da visão que cativava nosso espírito, para Heidegger, este é um acontecimento de reunião e simultaneidade no qual a materialidade da existência é pela paisagem reunida e iluminada. Na paisagem da Floresta Negra, há a condensação do murmúrio do rio à vastidão da noite e o frescor do vento outonal. Em sua origem, é realçada uma dimensão transitória e instável da paisagem, que vai além da tentativa de congelamento ou da cooptação de uma vista. Shaar, em *Songs of the Earth*, diz que para Heidegger a paisagem significa participação, mais que distanciamento, proximidade mais que elevação, opacidade mais que vista panorâmica.

Por isso, para Heidegger, o encontro genuíno com a paisagem não acontece quando nos voltamos a ela forçadamente a partir de uma aproximação estética ou mesmo quando supomos uma falsa empatia. Somente “quando a própria existência se encontra em seu trabalho” a paisagem é revelada. Neste encontro, a paisagem familiar aparece diferente do contexto habitual. Em desacordo com nosso entorno cotidiano, a paisagem escapa à obviedade do mundo se tornando realmente visível. Penso que o movimento de precipitação e fascínio que Heidegger comenta em *Ser e Tempo* – “nesse modo de descobrir, porém, a natureza se vela enquanto aquilo que ‘tece e acontece’, que se precipita sobre nós, que nos fascina com sua paisagem”<sup>53</sup> – seria justamente o movimento do choque operado pela quebra da cadeia de referencialidade, no qual vem à tona a paisagem em sua não familiaridade. É justamente neste evento, de estranhamento ao familiar, que a paisagem aparece requisitando por sentido.

Quando Heidegger entende que seu trabalho se funde ao acontecimento da paisagem, deve-se levar em consideração, justamente, o modo como as variações e as mudanças na paisagem qualificam diferentes modos de disposição. Heidegger alega que os ciclos da natureza e as mudanças na paisagem situam e condicionam seu pensamento. Ele diz:

[...] quando na profunda noite de inverno uma forte tormenta de neve esbraveja sacudindo o entorno da cabana e escurece e oculta a tudo, está é então a hora propícia à filosofia. Seu questionamento deve então tornar-se sensível e essencial. A elaboração de cada pensamento não

---

<sup>53</sup>ST, p. 117.



pode ser senão árdua e severa. O esforço de cunhar as palavras se parece à resistência dos altos pinheiros contra a tormenta.<sup>54</sup>

Heidegger indica, na passagem acima, a sintonia de seu pensamento com a paisagem à sua volta, e se refere a uma paisagem em particular, a de Todtnauberg em uma noite de nevasca. Embora um conceito geral da *Stimmung* da paisagem possa ser subsumido, assim como são os conceitos gerais da melancolia e da alegria, cada paisagem em particular configura um modo afetivo único, indissociável de sua forma. Heidegger declara haver uma afinação entre sua própria disposição de espírito com a *Stimmung* da paisagem da tormenta, a qual lhe parece propicia ao questionamento filosófico. Em outras palavras, a paisagem em convulsão sensibiliza o questionamento do filósofo de modo essencial.

Em outro momento nos perguntávamos como a afinação com a *Stimmung* de uma paisagem poderia colaborar para a instauração de uma disposição fundamental que viesse a ultrapassar a mera contemplação. Lembremos que uma disposição privilegiada, como a Angústia em *Ser e Tempo*, é aquela a partir da qual nos colocamos diante de nós mesmos, a partir de nós mesmos, “a ponto de, numa perspectiva fenomenológica, o ente revelado chegar a se determinar em seu ser ou, ao menos, poder preparar adequadamente uma tal determinação”<sup>55</sup>.

Adam Shaar, em *Heidegger's Hut*, dedica-se justamente à investigação sobre a relação entre a filosofia de Heidegger e a cabana de Todtnauberg<sup>56</sup>. Segundo ele, a cabana, a montanha, as mudanças climáticas das estações, a interioridade do abrigo e o modo como viviam os camponeses formavam uma identidade única que dava substância ao pensamento de Heidegger. A “lei oculta” das montanhas e sua presença tangível presentificavam, para ele, o poder de criação e um impulso em direção à filosofia que lhe parecia inerente ao lugar, intensificada pela paisagem montanhosa. Neste contexto, “para Heidegger, a própria filosofia quase se tornava uma força natural.”<sup>57</sup> A viceralidade e copertença do pensamento Heideggeriano ao contexto de Todtnauberg fez com que ele recusasse o convite para lecionar na Universidade de Berlim.

<sup>54</sup> PPP, p. 28. Tradução livre.

<sup>55</sup> ST, p. 250.

<sup>56</sup> SHAAR, A. *Heidegger's hut*. Doravante referido como HHT. Tradução livre.

<sup>57</sup> HHT, p. 65. Tradução livre.

Malpas salienta que o modo como a filosofia de Heidegger "permanece encravada no que acontece na região"<sup>58</sup> é também visível na passagem em que o filósofo diz que seu trabalho, neste sentido, é muito próximo do trabalho dos camponeses:

O trabalho filosófico não transcorre como os altivos estudos de algum excêntrico. Ele pertence ao âmbito mesmo do trabalho dos camponeses. Quando o jovem menino de fazenda puxa seu pesado trenó encosta acima e com uma alta pilha de lenha o conduz, descendo o perigoso declive, em direção à sua casa; quando o boiadeiro, caminhando lentamente e perdido em pensamentos, guia seu gado para o alto da encosta; quando o fazendeiro, em seu galpão, apronta as incontáveis telhas para o seu telhado, assim é meu trabalho. Ele está intimamente enraizado na vida dos camponeses, e a ela conectado. A relação interna de minha obra com a Floresta Negra e seu povo vem de um enraizamento centenário e insubstituível no solo germano-suábio... Toda a minha obra é sustentada e guiada pelo mundo destas montanhas e sua gente.<sup>59</sup>

Malpas, em *Heidegger in Benjamin's City*, em particular, analisa o contraste na filosofia heideggeriana entre o mundo de Todtnauberg e o mundo urbano. O comentador realça que, para Heidegger, o modo como os camponeses dedicavam-se aos seus trabalhos, estivessem eles absortos em pensamentos ou atentos às dificuldades da montanha, dava circunstância para um tipo de solidão especial. Também na cidade, podia-se estar sozinho, mas no meio urbano seria mais difícil encontrar a verdadeira solidão, aquela aberta ao encontro com as coisas em seu caráter singular, simples e essencial.

Mais adiante, na carta, o autor comenta sobre como os homens da cidade iam para a estação de esqui na Floresta Negra na tentativa de estar a sós com a natureza, com a paisagem das montanhas e do vale, e que isso, de alguma forma, os estimulava. O próprio filósofo dizia ser gentilmente conduzido pelo ritmo da paisagem para o trabalho filosófico, assim que chegava ao abrigo. Porém, se para os cidadãos sucedia um maravilhamento deste estar a sós com a natureza, para o

<sup>58</sup> MALPAS, J. *Heidegger in Benjamin's city*. In: Revista Natureza Humana. Vol. 12. N.2. São Paulo 2010. Tradução de Ligia Saramago. Também disponível em: <http://www.winnicottnaturezahumana.com.br/>. Nesta pesquisa utilizamos a versão eletrônica, por isso a omissão às páginas de referência. Doravante referido como HBC.

<sup>59</sup> PPP, p. 28. Tradução livre.

filósofo era uma solidão que não distanciava, mas aproximava, avizinhava e arrojava a existência humana.

Segundo Malpas:

[...] a paisagem montanhosa de Todtnauberg tem, diz ele, 'o poder peculiar e original não de nos isolar, mas de projetar nossa existência como um todo na ampla proximidade da presença [*Wesen*] de todas as coisas', e o que predomina em suas descrições de Todtnauberg é, de fato, uma certa clareza e lucidez no simples estar aí da paisagem e do que é nela encontrado - uma paisagem que não é observada, mas que emerge no e através do engajamento ativo nela e com ela.<sup>60</sup>

Mesmo que os viajantes buscassem por uma maior proximidade com as montanhas ou com os camponeses que nela habitavam, isso não passaria de um instante gozoso de compenetração artificial. Heidegger destaca o modo como os cidadãos pensavam mesclar-se ao povo rural, mas que de fato comportavam-se em suas casas, ou mesmo nos festejos, como se estivessem ainda na cidade grande, nos salões de baile e com isso contribuía para a perda dos costumes populares e regionais.

Malpas atesta que, em tal atitude, pode-se perceber uma prova de como “o pensamento de Heidegger não está meramente enraizado na vida camponesa, mas que ativamente a exalta em oposição à ascensão do urbano, do metropolitano, e também, é claro, do moderno.”<sup>61</sup> No final da carta, o filósofo atesta que para ele o “mundo da cidade” está em perigo de cair em corrupção.

Heidegger se utiliza de seu próprio caso para exemplificar sua preocupação. Neste momento de sua vida, o filósofo desfrutava de grande reconhecimento acadêmico, muitas vezes tratado como uma “celebridade filosófica” por jornais e revistas. Segundo ele, tal caminho oferece um grande risco: o de que mesmo o desejo mais autêntico pode chegar ao esquecimento de si e sucumbir rapidamente. De fato, Heidegger exalta a vida campesina, não como um culto ao popular, mas como uma sensibilidade a este modo de existir, como se dele pudesse depreender algo mais valioso e essencial.

---

<sup>60</sup> HBC.

<sup>61</sup> HBC.

No final da carta, o filósofo nos conta que uma camponesa, próxima da hora de sua morte, lembrou-se do “senhor professor” e, que para ele, tal recordação, foi incomparavelmente mais valiosa do que qualquer reportagem a seu respeito. A morte da camponesa levava consigo uma linguagem e modos de pensar próprios. De boa vontade a senhora contava ao filósofo e amigo antigas histórias do povo, sobre suas festas e preocupações. Utilizava-se de uma linguagem energética e cheia de imagens, de palavras peculiares, que com sua morte desapareceram da língua viva.

A morte da camponesa parece, de certa maneira, indicar para Heidegger a morte de um modo de existência que seria, a seu ver, incompatível com a vida urbana. Os viajantes maravilhavam-se com este modo de ser dos camponeses, deste grande e monótono estar a sós com o povo e a natureza.<sup>62</sup> Entretanto, tal caráter solitário não seria meramente estar a sós, mas resguardaria uma solidão própria na qual as coisas mesmas apresentam-se na força de sua autenticidade. Para Heidegger: “a solidão autêntica tem a força inaugural que não distancia, mas sim arroja a existência humana total na extensa vizinhança de todas as coisas.”<sup>63</sup> Referindo-se a essa passagem, Malpas esclarece:

A solitude (*solitude*) que Heidegger encontra em Todtnauberg é, assim, tanto um caráter solitário (*solitariness*) da coisa - um projetar-se no mundo -, como é uma solidão (*solitariness*) experimentada pelo próprio Heidegger, e, contudo, esta não é uma solitude (*solitude*) constituída pelo isolamento, mas antes uma solitude (*solitude*) que vem do deixar-estar que permite às coisas estar presentes como aquilo que são, mas também, portanto, em íntima conexão com aquilo a que pertencem.<sup>64</sup>

Contudo, se na existência diária, a solidão parece ser um caminho improvável para o homem urbano, de que outras maneiras este poderia aproximar-se das coisas? De que maneira, para ele, a paisagem pode manifestar-se para libertar a natureza do pragmatismo e exaltar a *physis*? A partir do contato de Heidegger com a poesia de Hölderlin outros caminhos se mostram possíveis, entre eles o da arte. Em 1935, Heidegger dedica um ensaio inteiro justamente a A

---

<sup>62</sup> PPP, p. 29.

<sup>63</sup> HBC.

<sup>64</sup> HBC. Tradução livre.

*Origem da Obra de Arte.* A arte, a seu ver, opera um acontecimento que foge ao contexto de seu pensamento na década de 1920, que aparece apenas esboçado em *Introdução à Metafísica* (1935), e que toma grande importância em sua filosofia a partir da década de 1930. Com isso, a seguir dedicaremos um espaço especial a este seu estudo.